

Celebração - Natércia Campos

*João Soares Neto **

Falo por delegação da Academia Fortalezense de Letras, entidade ainda jovem que, certamente, vai aprender a se impor, agir de forma coletiva e honrar o nome Academia. Como se sabe, a palavra Academia designa uma sociedade de pessoas de letras, sábios ou artistas. Foi assim desde o Século XV na Itália e no Século XVI na França, quando passou a designar centro de vanguarda em todas as áreas do saber. Há tempo para isso, mas não se pode descuidar. O pensar e o agir coletivo são básicos nas instituições que desejam se perpetuar.

É claro que não gostaria de estar aqui, pelas circunstâncias que todos sabemos. Apesar disso, tenho que dizer alguma coisa. Na verdade, há algumas pessoas mais versadas na escritura de Natércia Campos.

Cito, de pronto, Sânzio de Azevedo, Alcides Pinto, Carlos Augusto Viana, e certamente, Caterina Campos de Saboya Oliveira, cujos sentimentos e modéstia a impedem de estar no meu lugar, prestando o seu tributo a quem tanto conhecia e admirava.

A palavra Saudade já foi muito contemplada em discursos, crônicas, poesias, romances, ensaios e uma torrente de músicas. Eu apenas acredito que saudade não se diz, tampouco se transmite, saudade se sente. É um sentimento individual que não se compartilha. No máximo, se revela.

Ao contrário da saudade, a celebração é, quase sempre, um ato coletivo. Por esta razão sugiro que esta reunião modifique o seu objetivo. Seja ela uma reunião de regozijo e celebração por tudo o que Natércia representa para a sua família, amigos e para a literatura.

Natércia é um nome português, com certeza. Imagino que Moreira Campos, com sua cultura e ascendência portuguesa, lembrou-se de Luís de Camões ao dar o nome de Natércia à sua primeira filha. Explico: Camões saiu de Coimbra, onde estudava, para Lisboa, por volta de 1542, quem sabe para conhecer melhor a história do reino. Era tempo do reinado de D. João III e, sendo Camões um fidalgo, participou de saraus no palácio real e missas solenes. Conheceu uma jovem, Caterina de Ataíde, com quem desejava casar. Proibido o romance, criou um anagrama, e passou a chamá-la de Natércia em alguns de seus poemas. Natércia é, pois, um nome camoniano.

* da Academia Fortalezense de Letras, em Julho de 2004

Celebrar significa comemorar, exaltar, louvar. E para se celebrar alguém é necessário que essa pessoa seja digna de ser lembrada e celebrada.

Natércia é digna. Celebremos, pois.

Este é um encontro de sentimentos, de amizade e de júbilo por tudo o que ela certamente representou para cada um de nós.

Ao cuidar dos filhos e netos, tecer um tapete, falar, trocar histórias, mandar cartas ou bilhetes, lembrar datas, dar um presente, oferecer um bolo, uma torta ou compartilhar dores e alegrias, Natércia era singular.

Seu jeito alegre, meio maroto, manso e alvoroçado, ia derrubando barreiras e conquistando afinidades. Somos, uns mais, outros menos, depositários de fragmentos da história e das estórias de Natércia.

Aprumo no vestir, alegria no receber, disponibilidade ao telefone e a presença agradável nos encontros, são algumas de suas muitas

Características. Natércia guardava tudo o que recebia e se orgulhava de compartilhar as vitórias de cada um. Sempre destacando o que pouca gente costuma ver. Ela era especial também, pois sabia que escrever é apenas uma das formas de buscar a essência do ser humano.

Certa feita lhe dei um livro, *Mulheres de Olhos Grandes*, da escritora mexicana Ángeles Mastretta, e disse que ela, Natércia, era também uma mulher de olhos grandes, permitindo-se ter uma acuidade pouco comum. Natércia via muito.

Este é um encontro de sentimentos, amizade e júbilo por tudo o que ela certamente representa para cada um de nós. Ela mesma celebrava, particularizava e individualizava cada encontro. Natércia era um ponto de escuta e uma parceira de conversação.

Garimpei e pincei nas centenas de páginas que Natércia escreveu - e ainda não foi publicado - alguns trechos que merecem ser compartilhados com vocês pela beleza, sensibilidade e até franqueza.

Escutem Natércia:

Sobre a sua infância, ela diz:

Nem sei se já lhe contei que meus brinquedos eram arrumados na sala onde ficava a máquina de costura da minha avó. Tinha eu direito à gaveta grande, a do meio, para nela guardar os retalhos finos, rendas, véus, sobras de contas, miudezas. Certa vez eu brincava sentada no chão, imitando minha avó, apurada, costurando alguma coisa, e de repente levantei os olhos, talvez atraída pelos seus e ela estava parada olhando meu esforço e nunca me esqueci de seu sorriso nos olhos espalhando-se pelo seu rosto.

Entendíamos-nos sem afagos e beijos. Você sabia que ela também perdeu um filho? Assim herdei da minha avó este encabulamento, esta reserva de expansões.

Sobre medo e insegurança

Aqueles meses de infinita preocupação e paciência ensinaram-me, dia e noite, a viver sem dar tréguas ao desalento, mesmo sentindo o fragor dentro de mim do medo, da insegurança, e de que as folhas simplesmente caem... e nada possamos fazer impedirá.

Sobre a família e a as bodas de ouro dos pais

Esta semana chegarão tios, primos, minha irmã Badida com os dois filhos (eles vivem em Recife) para as bodas de ouro. Nossos Clarissa e Ronaldo estarão chegando domingo, 13, e eu, a filha mais velha, estarei recebendo a família para a fotografia oficial das bodas de ouro, que será tomada aqui, no mesmo jardim em que meus avós posaram para o fotógrafo nos seus 50 anos de casados.

É, então, tempo de luz e sombra para mim – estes momentos felizes e a ausência do Zé, sombra absurda e doída.

Sobre a afinidade e a influência de Câmara Cascudo na sua obra

Assim como um tear a unir fios, foi esse entrelaçar com um mestre escritor, sociólogo e folclorista mundialmente conhecido e respeitado –que me fez reviver em busca de raízes.

Através de seus livros, aprofundei-me nos costumes, tradições populares, fábulas, cantigas, acalantos, assombros, jogos, danças de roda (a milenar ciranda), artesanatos, superstições de antigas culturas que nos precederam e as que nos colonizaram.

Sobre a sua imaginação e processo de criação

Meu imaginário é um mundo tão presente como o mundo real, do dia-a-dia. Semelha-se às plantas aquáticas que flutuam nos rios, sem raízes,

levadas pelo vento...Mas, no entanto, são seguras e perenes na sua trajetória como se estivessem presas na própria água.

Sobre suas leituras

Reli O Leopardo, de Tomasi de Lampedusa, e assim como ouvi dizer que o Vargas Llosa tem admiração pela personagem de Flaubert – Madame Bovary – eu há muitos anos me identifico com Dom Fabrizio -

O Leopardo – de coração e alma. É um homem inquietante que transmite aos seus força, poder e dentro de si uma solidão acabrunhadora, só encontrando refúgio em “recuerdos” de momentos vividos como lampejos.

Sobre a tristeza

Dias atrás nesta lua cheia e encantada de agosto, fiquei em quarto minguante... com preguiça, mornidão, vontade nenhuma de ler, escrever, bordar, guiar, criar, fazer coisas, falar, falar – só escutar e imaginar...

Sobre uma determinada família

É outra marca da família: são ensimesmados, quase tristes e omissos uns com os outros.

Sobre o seu livro Iluminuras

Que o meu livro Iluminuras tenha de vocês a bênção e seja como a zelação (as estrelas cadentes) que, ao correr nos céus da minha terra, sertão-mar, nos causa por instante surpresa e mistério, embora tudo logo se aquiete, perdurando, no entanto, em quem a vê, seu rasto de magia, ouro e luz.

Sobre Mulheres e a cirurgia plástica

Fui a um jantar só de mulheres em um hotel. O primeiro da minha vida. Não gostei. Falava-se das plásticas, tinturas, visual etc e eu olhava ao redor e sentia que esses pseudos rejuvenescimentos são um engodo. Fica o rosto feito máscara, liso, absurdamente diferente dos braços, das mãos, do andar...É todo um conjunto, não adianta mexer num item...Quebra-se a harmonia.

Sobre o amor na maturidade

O amor maduro é porto. Talvez nele eu ancore meu outono, e, pela vez primeira, me deixe levar como as folhas e pela aragem dos ventos... algo que não consegui nos reinos vividos, exaustivamente, da primavera e do verão.

sobre o dia de amanhã, ela sugere:

quem sabe quando você acordar, a manhã já se chegue com tímidos raios de sol e você ficará sem saber se sonhou ou não com alguém afastando a cerração, a cruviana, e a certeza de que o sol, a vida lhe aquece a alma e que este dia surge com novos desafios e noites

Assim é Natércia Campos. Clara, cristalina.

Mulher de muitas amizades, poucos amores e mãe das que já estão rareando, foi aprimorando fidelidade e sutileza a tudo que sabia ser importante para si e os seus. As muitas cartas trocadas com Jorge Medauar são uma prova de sua amizade com o casal Odete e Jorge e um caudal de rejuvenescimento afetivo, além de crônicas do cotidiano com registro de fatos relevantes a cada dia. Há material para alguns livros, um deles já editado e concluído, esperando apenas o tempo certo para ser publicado.

Do mesmo modo, a sua dedicação a Osvaldo Lamartine contemplava outra versão de Natércia, a de curadora de queixumes e pastoreadora de desenganos. Foi ela quem, de uma forma esmerada, organizou o livro "Em Alpendres de Acauã", uma série de depoimentos e conversas com Oswaldo. Na sua apresentação, diz Natércia, parecendo falar de si mesma:

"Rede e alpendre nos levam ao embalo das vozes dos contadores de histórias. São eles donos do condão-mágico de fazer com que os ventos desçam em cicios e os fogos dos candeeiros mantenham seu mistério de luz e sombra na longa vigília, para melhor serem escutadas suas evocações".

Desse relacionamento, tão rico e duradouro, resplandeceu uma leitura ainda mais aprofundada de Câmara Cascudo, com tudo o que a sua genialidade espargiu em obras. Essas leituras foram ferramentas básicas para a impregnação, o entrelaçamento de mistérios e lendas que medeiam e embasam toda a trama de "A Casa" :

“Presenciei durante várias gerações a presença Dela (a morte) abrindo portas, refletindo-se no grande espelho ao invadir meus espaços e muito aprendi sobre suas metamorfoses”.

É claro que os livros *Iluminuras* (contos), *Por terras de Camões e Cervantes* (relato de viagem a Portugal e Espanha), *A Noite das Fogueiras* (romance) e *Caminho das Águas* (relato de viagem pelo rio Amazonas), são bons, mas sua obra basilar foi construir “*A Casa*”. Romance curto que, no dizer da própria Natércia, tem “*segredos múltiplos da reminiscência, o mundo que vive em nós, obscuro e palpitante*”.

“*A Casa*” possui uma engenharia social, densidade e mistério que pouca gente se dá conta. Não valeu apenas o novo prêmio - pois já havia sido premiada com o conto “*A Escada*” e o livro *Iluminuras* - mas a trama, a essência e os arcanos que, parágrafo a parágrafo, página a página, sedimentam a densa estrutura dramática de *A Casa*. E aí chegou à Academia Cearense de Letras e à Academia Fortalezense de Letras, não por ser filha de Moreira Campos, nem por artes e manhas tão conhecidas, mas pela consagração irrestrita ao seu trabalho literário. E por falar em *A Casa*, seria bom que cada um de nós, ao voltar para o nosso canto, aproveitasse e lesse ou relese este curto, denso e belo romance, com o acompanhamento cuidadoso da palavra da narradora, a própria casa. Parece que Natércia vai testando, a cada parágrafo e a cada página, a atenção do leitor.

Não leu *A Casa* quem não se reteve, mais de uma vez, e respirou fundo para prosseguir. Cada leitor pode ser um inventor e buscar, na sua própria história e vida, a lente especial que lhe permitirá estabelecer conjecturas, decifrando-as e, do seu modo, construir a casa da sua realidade ou dos seus sonhos.

No entanto, Natércia ainda escreveria, sem usar papel e tinta, as páginas mais lúcidas, belas e densas de sua história, ao ter comportamento surpreendente, para alguns, mas natural para a família e os amigos que a conheciam de perto. Nestes dois últimos anos, Natércia se fez Natércia e lutou com a bravura dos que sabem de si. Espargiu, sem alardes, ensinamentos a todos os seus filhos e aos muitos amigos que nunca a viram triste, descuidada, chorosa ou a implorar mercê. Até o seu último instante de lucidez, cercada pelos que a amavam, foi a mulher que dirigia a cena, os olhos comunicando mais que palavras, serena, dócil, coerente e tão clara como a manhã que a encantou e nos dá a todos, paradoxalmente, a alegria de sua presença essencial.

Hoje, repito, é dia de louvar Natércia, e reconhecer que os seus pares da Rua do Rosário não se reuniram em compadrio para torná-la Acadêmica. Apenas fizeram justiça. Não em nome do pai, Moreira Campos, mas em nome da filha, Natércia, e do espírito santo que a protegeu, mesmo que a sua fé fosse um amálgama de iluminuras e crenças que se fundiram para encantá-la e encantar-nos.

Muito obrigado a todos.